

# LUTAS ATÉ GUARIBA 1984: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NA LAVOURA DE CANA

Julia Chequer<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa tem como objetivo compreender de que maneira tanto as mobilizações camponesas do início da década de 1960, quanto as resistências cotidianas e o uso de vias institucionais, se conectam com o movimento de 1984 em Guariba (SP). Privilegiei a análise da experiência de mulheres que transitaram de um trabalho rural de base familiar para o temporário individual em lavouras de cana-de-açúcar, através da migração para o município entre 1975 – ano da promulgação do Proálcool – e 1985 – ano de refundação do Sindicato local – como forma de compreender também as resistências e os deslocamentos nas relações de gênero e as articulações entre os espaços da família, do trabalho e do cotidiano.

**Palavras-Chave:** mulheres, gênero, cana-de-açúcar, trabalho, rural, resistência

## STRUGGLES UNTIL GUARIBA 1984: EXPERIENCES OF WOMEN IN SUGARCANE FIELDS

**Abstract:** The present research aims to understand how the early 1960s peasant's mobilizations, as well as everyday forms of resistance and the use of institutional tools, can connect to the strike in Guariba (SP) 1984. I privileged the analysis of women's experience, especially those who moved from a family-based rural work to an individual and temporary form, in sugarcane plantations, by migrating to the city between 1975 – year of the promulgation of the Proalcohol – and 1985 – year of the refoundation of the local union – as a way to understand resistances and transformations in gender relations as well as the articulations between family, work and daily life spheres.

**Keywords:** women, gender, sugarcane, work, rural, resistance

---

\* Esta nota de pesquisa é referenciada em dissertação de mestrado, em andamento, em História, Política e Bens Sociais, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC).

<sup>1</sup> Mestranda em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV, bolsista Capes e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela PUC-SP.

## Introdução

A história de Guariba, município situado a 50 km de Ribeirão Preto, se insere entre a de uma série de cidades que surgiram com o avanço do café, sobretudo com a extensão das estradas de ferro. Na virada do século, a região consolidou a chamada “economia de terra roxa” (MARTINS, 1996), baseada não exclusivamente<sup>2</sup>, mas principalmente na força de trabalho imigrante, estruturado por meio do colonato<sup>3</sup>.

Se, nessa “cidade do café”, a sociabilidade se dava sobretudo nos finais de semana, nas missas, nas festas populares e quando habitantes das áreas rurais levavam seus produtos para serem vendidos e compravam outros, a paisagem começou a se transformar com a decadência dessa cultura.

A subida do preço do açúcar, na década de 1930, deu o primeiro impulso para a produção de cana. Surgiram as primeiras usinas e muitos ex-colonos se empenharam no cultivo, em pequenas propriedades adquiridas das antigas fazendas de café. Em Guariba, as usinas São Martinho e Bonfim surgem em 1948, sendo a primeira atualmente pertencente ao município vizinho de Pradópolis.

Na década de 1950, surgiu o primeiro bolsão periférico de Guariba, com o loteamento do Bairro Alto, conhecido como João-de-Barro por causa do estilo das casas construídas pelos próprios habitantes, com lajotas de barro. Nas décadas seguintes, novos bolsões apareceram, principalmente nos arredores do Bairro Alto.

É importante destacar que a cidade, em grande medida, cresceu por conta da migração para o trabalho nos canaviais, principalmente a partir do Programa Nacional do Álcool (Proálcool), instituído pelo decreto nº 76.593, de 14 de novembro de 1975. Entre 1970 e 1980 a população estimada saltou de 11.448 para 18.887, sendo que 7.961

---

<sup>2</sup> De acordo com (VETORASSI, 2006: 23), em 1870 havia na região onde, mais tarde, seria fundado o município de Guariba, algumas famílias mineiras. Ali, implementavam culturas de subsistência e criação de gado. Por volta de 1895, numerosos grupos de baianos chegaram para o cultivo do café, antes da chegada massiva de imigrantes. Ver também (STOLCKE & HALL, 1983) para um panorama das diferentes formas de contrato de trabalho na cafeicultura paulista.

<sup>3</sup> Particular das fazendas de São Paulo, os colonos viviam em casas geminadas na propriedade e recebiam uma parte do pagamento em dinheiro, pelo trabalho da família, e outra por meio de permissão para ter uma pequena roça de subsistência, ou seja, plantar e criar animais de pequeno porte. (SILVA, 2004: 18). A indústria doméstica era extremamente importante nesse sistema. “Seu sucesso dependia da capacidade das mulheres de aproveitarem ao máximo as vantagens desse regime de trabalho, que lhes permitia conjugar trabalho de casa com o da roça e do cafezal” (SILVA, 2007: 556).

correspondia ao número de residentes não naturais do município (IBGE, 1970, 1980). Não é possível saber em que medida esses dados contabilizaram o grande contingente de migrantes sazonais que permaneciam na cidade – em alojamentos ou na casa de parentes – apenas no período da safra, aproximadamente entre maio e novembro. Sabemos, no entanto, que muitos migrantes desta época acabaram trazendo suas famílias das zonas rurais, e que estas passaram a viver no município por meio do trabalho temporário nas lavouras de cana – também da laranja e do amendoim – de quantos membros fosse possível, incluído menores a partir dos 12 anos de idade. Como destaca Silva (1999), a maior parte dos migrantes é oriundo de Minas Gerais, em especial do Vale do Jequitinhonha, e também é notável a chegada de nordestinos – de vários estados – e de paranaenses.

No contexto em que realizo a pesquisa, por outro lado, esta população que migrou para a cidade para trabalhar na lavoura de cana e seus descendentes veem praticamente acabar este tipo de trabalho na região, uma vez que, entre 2007 e 2017, o percentual de lavouras mecanizadas no estado saltou de 42% para 98%<sup>4</sup>.

### **Guariba como objeto: uma breve reflexão bibliográfica**

O município de Guariba, principalmente em maio de 1984, ganhou a atenção de pesquisadores, instituições e grandes jornais, tornando-se uma espécie de símbolo do destino dos boias-frias. Naquele mês, ocorreu a greve de canavieiros na cidade, que desencadeou um movimento por toda a região e gerou consequências que transformaram a vida, as relações de trabalho e as formas de organização da categoria – como a assinatura do Acordo de Guariba e a refundação do Sindicato dos Empregados Rurais de Guariba, no ano seguinte. Nas mobilizações de 1984, além dos piquetes, manifestantes depredaram o escritório local da Sabesp e saquearam um mercado. A chegada da Tropa de Choque do Estado de São Paulo, bem como policiais de cidades vizinhas, proporcionou cenas de violência não apenas nos locais de manifestação, mas nas ruas e até dentro de casas de bairros periféricos.

---

<sup>4</sup> Dado atribuído à UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) em SILVA, J., TOLEDO, M. “Os órfãos da cana”. *Folha de S. Paulo*, 30 de junho de 2017. Disponível em < <http://temas.folha.uol.com.br/orfaos-da-cana/orfaos-da-cana/fim-da-queima-expulsa-trabalhadores-dos-canaviais-e-trava-migracao-para-sp.shtml>>, acesso em jun. 2017.

A partir de então, a Pastoral do Migrante, que já havia começado trabalhos na região, se estabelece com sede na cidade. Além disso, uma série de pesquisas começam a ser feitas no sentido de remontar o movimento grevista<sup>5</sup>, interpretá-lo enquanto movimento<sup>6</sup> e enquanto legado<sup>7</sup>, assim como outras mais amplas sobre o trabalho rural canavieiro que escolheram Guariba como espaço privilegiado de pesquisa<sup>8</sup>, após 1985.

Boa parte desta produção, no entanto, não apenas foi realizada a partir 1984, como tem como objeto esse ano ou um período posterior, desconectado de mobilizações e práticas de resistências anteriores. Esta questão, além de deixar lacunas e perguntas do ponto de vista histórico, se refletiu em um problema ligado à memória, enfrentado no decorrer da pesquisa: a dificuldade de acesso a fontes anteriores a 1984.

Na contramão está o trabalho de Clifford Andrew Welch, para quem o movimento de Guariba só fora possível porque “(...) a semente do contemporâneo movimento camponês havia sido plantada em décadas anteriores” (2010: 424). Esta semente incluía não apenas táticas de greve – algumas das quais encontramos paralelos em fontes do pré-1964 com as documentadas em 1984 – e organização sindical, como também a utilização da Justiça do Trabalho.

Nesse sentido, é importante o movimento de alguns autores no sentido de utilizar processos trabalhistas como fonte, contrapondo-se a uma narrativa clássica preocupada em apresentar a Legislação Trabalhista como instrumento de subordinação do movimento sindical, retirando sua autonomia e minimizando sua ação direta, crítica feita por Fernando Teixeira da Silva (2016). A utilização do instrumento legal pelos trabalhadores rurais foi também muitas vezes interpretada como “prova” de sua passividade, sem que de fato fosse analisada enquanto fonte, como ressalta Gabriel Teixeira (2017: 19).

Dentro da bibliografia na qual me referencio, por exemplo, Maria A. Moraes Silva, mesmo situando o ETR (Estatuto do Trabalhador Rural)<sup>9</sup> como fruto de lutas sociais no campo e mencionando o aumento dos processos trabalhistas após a sua vigência, aponta

---

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, D’Incao (1985), Penteadó (2000) e Novaes e Alves, 2002a.

<sup>6</sup> Como em Barone (1996).

<sup>7</sup> Ver Munhoz (2000), Novaes e Alves (2002b), Thomaz Junior (2002).

<sup>8</sup> Ver Silva (1999) e Vettorassi (2006 e 2010).

<sup>9</sup> Lei n.4214, de 2 de março de 1963, o Estatuto estendeu as leis trabalhistas aos trabalhadores rurais, além de estabelecer a indenização por demissão sem justa causa, estabilidade no emprego e regulamentação do trabalho da mulher e da criança.

uma visão notadamente negativa<sup>10</sup> da lei, baseada em dois pontos: o impedimento de organização das classes dominadas, sobretudo após o golpe de 1964, submetidas politicamente ao aparelho do Estado; e a dominação de classe pela burguesia agrária, na medida em que a lei não atinge o essencial, a propriedade da terra (1999: 65). Em outro sentido, Dabat e Rogers (2014) estão menos interessados nas possíveis intenções ocultas da lei e mais em compreender de que maneira este instrumento foi apropriado pelos trabalhadores na luta pela implementação e ampliação de direitos sociais, bem como o que esta documentação revela sobre os conflitos cotidianos de classe.

A aproximação com o objeto de estudo também influenciou os estudos sobre migrações, que caminharam para análises que vão além das razões econômicas e sociais para tais deslocamentos, sem dúvida elementos importantes, para uma compreensão de *como* os sujeitos reagem a situações e dificuldades impostas. Várias pesquisas<sup>11</sup> apontam, por exemplo, o papel destacado das redes sociais formadas nos locais de origem e de destino na efetivação e moldagem dos processos migratórios – tenham eles caráter temporário ou permanente.

### **As mulheres canavieiras**

Pode-se dizer que as mulheres e as análises de gênero ainda são estudos marginais, em grande medida segmentados nas instituições. Nos estudos sobre o trabalho e os movimentos sociais rurais não é diferente, e ainda são poucos os que trazem a experiência das mulheres e as relações de gênero de maneira transversal – não como um anexo ou um conjunto de ponderações a respeito das supostas especificidades. Sem dúvida, há um caminho teórico e empírico a ser percorrido no sentido de um diálogo maior entre o que se produz na história das mulheres e nos estudos de gênero com a história social do trabalho, em especial, o rural.

Ainda que estejamos longe de algum consenso a respeito de categorias como “mulher”, “mulheres”, “gênero” e “patriarcado”, há de certa forma uma hegemonia da ideia de gênero como uma “(...) modelagem social, estatisticamente, mas não necessariamente,

---

<sup>10</sup> Esta interpretação “negativa” também está presente em autores como Alves (1991) e Thomaz Júnior (2002).

<sup>11</sup> Ver Fontes (2008) e Vettorassi (2006 e 2010).

referida ao sexo. Vale dizer que o gênero pode ser construído independentemente do sexo” (SAFFIOTI, 2001: 129). Seu sentido teórico mais profundo, bem como sua utilização, no entanto, toma caminhos diferentes.

Talvez a maior referência do conceito seja a historiadora Joan Scott, para quem gênero está ligado ao saber, produzido pelas culturas e sociedades humanas, a respeito das diferenças sexuais (SCOTT, 1995: 12). Ela organiza a categoria na conexão de duas proposições: “(...) (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995: 86).

Se, na Europa e nos Estados Unidos, o trabalho de Scott de certo modo marcou uma ruptura com a história social<sup>12</sup>, Heidi Tinsman avalia que o oposto teria ocorrido na América Latina. Para ela, foi justamente via história social que os conceitos de Scott circularam na região, uma vez que problemas relativos a gênero formulados aqui apresentaram diferentes usos para os conceitos da autora, sobretudo devido à preocupação com trabalhadores e camponeses (2008: 1370).

No Brasil, ainda que não se referencie diretamente no trabalho de Joan Scott, Elisabeth Souza-Lobo rompe a fronteira entre aspectos materiais e simbólicos, ao mostrar como a divisão sexual do trabalho constrói (e é construída por) discursos e justificativas, em cada setor produtivo, para conferir valores diferentes a atributos femininos e masculinos. Tais discursos podem ser contraditórios comparativamente (a ideia de feminilidade apresentada para uma cortadora de cana será diferente de outra apresentada para uma montadora de peças eletrônicas), mas funcionam no sentido de recriar, no espaço do trabalho, “(...) uma subordinação que existe também nas outras esferas sociais” (SOUZA-LOBO, 1991: 68).

Por outro lado, o trabalho de Eder Sader (1988) nos fornece outro elemento de análise a respeito das relações de gênero na história social do trabalho: a ênfase, influenciada pela obra de E. P. Thompson, na agência e na experiência. Ao relatar a formação dos clubes de mães da periferia sul de São Paulo e do Movimento Custo de Vida, ele amplia o sentido de classe e de atuação política ao mesmo tempo em que aborda questões relativas à identidade. Ainda que não analise questões hierárquicas e discursivas

---

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, a polêmica entre Scott (1994) e Tilly (1994).

ligadas a gênero, a obra inverte o sentido da narrativa, partindo da experiência concreta de um grupo de mulheres, auto-organizado a partir de suas angústias e anseios.

A presente pesquisa se debruça sobre a experiência a resistências cotidianas<sup>13</sup> de mulheres em um contexto de transição de um trabalho rural de base familiar para o trabalho temporário e individual nas lavouras de cana-de-açúcar. Ainda que pesquisadas como as de Stolcke (1983), Noronha (1986) e Silva (1999) tenham abordado de maneira profunda questão similar, considero que a possibilidade de outras fontes, bem como a distância temporal, podem fornecer novos elementos de análise, como pontua Ecléa Bosi a respeito da singularidade das memórias de pessoas idosas:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1983: 22).

Ainda que nem todas as entrevistadas se insiram na categoria “idosa”, pela idade, o distanciamento com os processos vividos naqueles anos e os sentidos dados às transformações em suas vidas podem ser compreendidos de outra maneira. Stolcke, por exemplo, conclui que:

(...) do ponto de vista puramente subjetivo, sua transformação em trabalhadores rurais assalariados eventuais parece ter sido muito mais dolorosa e desgastante para os homens, devido à perda de auto-estima por ela acarretada. Ainda que o trabalho assalariado tenha aumentado a carga das mulheres em relação aos homens, isso não afetou, de nenhuma forma significativa, sua identidade social como mulheres, isto é, esposas e mães. Pelo contrário, precisamente porque sua identidade social permaneceu intacta, elas agora devem arcar com a dupla carga (1986: 377).

O pioneiro trabalho de Stolcke de certa forma documentou o início do processo sob o qual me debruço. Naquele momento, ainda que mencione conflitos (e violência) domésticos em decorrência dessa perda de autoestima masculina, ela se depara com

---

<sup>13</sup> Scott (1990).

mulheres que muitas vezes não viam saídas diante de uma cultura que estigmatizava aquelas que se separam dos maridos (1986: 381).

Os relatos que encontrei, no entanto, revelam deslocamentos significativos nessa percepção, sobretudo em relação ao lugar de esposa e a importância dada à identidade de trabalhadora em suas trajetórias. Além de muitas terem se separado, tornando-se “chefes de família”, os deslocamentos são notáveis também nas que permaneceram casadas.

É fundamental pontuar, no entanto, as limitações e peculiaridades dos relatos encontrados. Primeiramente pelo número de mulheres encontradas que trabalharam nos canaviais entre 1975 e 1985, muito aquém do esperado. Foram entrevistadas<sup>14</sup> seis mulheres, entre 50 e 94 anos de idade, habitantes de Guariba, das quais quatro histórias serão detalhadas na dissertação. Segundo, porque se tratam de mulheres que permaneceram na cidade, dentre outras razões, pela possibilidade de seguir trabalhando nas lavouras de cana por um período longo. Nesse sentido, assim como outras fontes encontradas, seus relatos são resquícios, talvez atípicos, desta experiência.

Além das entrevistas com estas trabalhadoras, também foram entrevistados os atuais presidentes dos Sindicatos de Jaboticabal e Guariba, Lineu Nobukini e Wilson Rodrigues da Silva, o Padre José Domingos Bragheto – liderança da Comissão Pastoral da Terra na região no período –, o militante da Pastoral do Migrante Ignácio Bernardes e Roberto Rodrigues, Ministro da Agricultura entre 2004 e 2006 e liderança patronal local e nacional desde a década de 1970. Entre outras fontes utilizadas, se destacam os jornais locais *A Comarca de Guariba* (1977-1983), *Gazeta de Guariba* (1961) e *A Gazeta Guaribense* (1984), o periódico do IAA *Brasil Açucareiro* (1975-1979), o da Fetaesp *Realidade Rural* (1979-1985), o ligado ao PCB *Terra Livre* (1961-1962) e processos trabalhistas encontrados na 1ª Vara de Jaboticabal.

---

<sup>14</sup> As entrevistas, em geral, foram feitas em dois encontros: um primeiro em novembro de 2017, em caráter preliminar, para que, junto com outras fontes, fosse montado um roteiro de entrevista, de acordo com Alberti (2013), que serviu como referência para a entrevistadora no segundo encontro, em junho de 2018. Algumas apenas contaram com um encontro, que teve como referência apenas um roteiro geral.



## **Bibliografia**

ALBERTI, Verena. *Manual da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BAPTISTELLA, C. S. L., VICENTE, M. C. M. *Trabalho volante na agricultura paulista, 1975 a 1986*. São Paulo: IEA, 1987.

BARONE, L. A. *A revolta, conquista e solidariedade: a economia rural dos trabalhadores rurais em três tempos*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Unesp – Araraquara, 1996.

BRASIL. Decreto nº 76593, de 14 de novembro de 1975 Programa Nacional do Alcool. Brasília, DF, 1975.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: TAQ, 1983.

DABAT, C. R., ROGERS, T. “Uma peculiaridade do trabalho nesta região”: a voz dos trabalhadores nos arquivos da Universidade Federal de Pernambuco. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.6, n. 12, jul.-dez. 2014, p. 327-342.

D’INCAO, Maria Conceição. O movimento de Guariba: o papel acelerador da crise econômica. In: *Política e Administração*, jul.-set. 1985, p. 203-222.

IBGE. *Censo Demográfico, 1980 – São Paulo*. Rio de Janeiro, 1982, v. 1, t. 4, n. 19.

MARTINS, A. L. *Guariba – 100 anos: 1895 – 1995*. Prefeitura Municipal de Guariba, 1996.

NOVAES, J. R., ALVES, F. *Guariba 1984* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar, 2002a.

\_\_\_\_\_. *A memória em nossas mãos* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar, 2002b.

PENTEADO, Maria Antonieta Gomes. *Trabalhadores da cana: protesto social em Guariba – maio de 1984*. Maringá: Eduem, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo de violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*, nº 16, 2001, p. 115-136.

SCOTT, James C. *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. Yale University, 1990.

SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. Columbia University, 2018.

\_\_\_\_\_. Gênero como categoria analítica. In: *Educação & Realidade*, v. 20, nº 2, julho-dezembro de 1995, p. 71-99.

SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores no Tribunal: conflitos e Justiça do Trabalho em São Paulo no contexto do golpe de 1964*. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Maria A. Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Da colona a bóia-fria. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Luta pela Terra: Experiência e Memória*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1991.

STOLCKE, Verena. *Cafecultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

STOLCKE, Verena; HALL, Michael. A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo. In: *Revista Brasileira de História*, v. 3, n. 6, p. 80-120, 1983.

TEIXEIRA, Gabriel Pereira da Silva. *Dos direitos às conquistas, das conquistas à luta: sindicalismo de trabalhadores rurais, cultura e política na região de Ribeirão Preto 1964-1988*. Tese de doutorado, Campinas, Unicamp, 2017.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, nº 3, 1994, p. 29-62.

TINSMAN, Heidi. A paradigm of our own: Joan Scott in latin american history. In: *Am Hist Rev* 2008; 113 (5): 1357-1374. doi: 10.1086/ahr.113.5.1357

THOMAZ JUNIOR, A. *Por trás dos nós da cana: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canavieira paulista*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

VETTORASSI, Andréa. *Espaços divididos e silenciados: um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os "de fora" de uma cidade do interior paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFSCar, São Carlos, 2006.

JULIA CHEQUER

\_\_\_\_\_. Partindo para a cidade garantida e proibida. In: *Migrantes: Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro*. São Carlos: EdUFSCar, 2007. p.119-153

\_\_\_\_\_. *Laços de trabalho e redes dos migrantes: um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana – SP e Guariba – SP*. Tese (Doutorado), UNICAMP, 2010.

WELCH, Clifford Andrew. *A semente foi plantada: as raízes do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

**Recebido em: 01 de outubro de 2018**

**Aceito em: 14 de fevereiro de 2019**